Revista Eletrônica
Acervo Saúde
Electronic Journal Collection Health ISSN 2178-2091

Educação em saúde e conscientização sobre doação de órgãos

Health education and raising awareness about organ donation

Educación sanitaria y sensibilización sobre la donación de órganos

Helen Fabian de Carvalho Ramos[1], Kamila Giovana Ribeiro Silva[1], Brenda Cruzeiro Dias Araújo[1], Ana Luiza Perillo Carvalho[1], Wilson Pereira do Nascimento Júnior[1], Dejamar Vinícius Dias Marinho[1], Isabela Moreira Gomides Sardinha Carvalhêdo[1], Anna Luísa Laboissiere Milani[1], Constanza Thaise Xavier Silva[1].

RESUMO

Objetivo: Relatar experiência dos acadêmicos de medicina, pertencentes a uma instituição privada do estado de Goiás, sobre uma ação comunitária que abordava a desmistificação do sistema de doação de órgãos no Brasil a fim de promover a conscientização da população. **Relato de experiência:** A atividade ocorreu em um shopping onde os acadêmicos utilizaram posters informativos e um boneco interativo de EVA com órgãos removíveis, para engajar tanto adultos quanto crianças. Embora muitos adultos desejassem ser doadores, poucos haviam comunicado essa decisão à família, evidenciando a falta de diálogo sobre o tema. A ação destacou a importância da educação em saúde para aumentar o conhecimento sobre o processo de doação de órgãos, contribuindo para a formação dos futuros médicos ao enfatizar a necessidade de abordar temas sensíveis de forma acessível. **Considerações finais:** A ação educativa evidenciou a importância da extensão universitária na conscientização sobre a doação de órgãos, utilizando abordagens interativas e atividades lúdicas para engajar diferentes faixas etárias. A experiência ressaltou a necessidade de continuar promovendo o diálogo e o esclarecimento, especialmente sobre a importância de comunicar à família o desejo de ser doador.

Palavras-chave: Obtenção de tecidos e órgãos, Educação em saúde, Conscientização pública.

ABSTRACT

Objective: To report on the experience of medical students from a private institution in the state of Goiás, in a community action that addressed the demystification of the organ donation system in Brazil in order to raise awareness among the population. **Experience report:** The activity took place in a shopping mall where the students used information posters and an interactive EVA doll with removable organs to engage both adults and children. Although many adults wanted to be donors, few had communicated this decision to their families, highlighting the lack of dialog on the subject. The action highlighted the importance of health education in increasing knowledge about the organ donation process, contributing to the training of future doctors by emphasizing the need to approach sensitive topics in an accessible way. **Final considerations:** The educational action highlighted the importance of university extension in raising awareness about organ donation, using interactive approaches and playful activities to engage different age groups. The experience

[1] Universidade Evangélica de Goiás (uniEVANGÉLICA), Anápolis - GO.

SUBMETIDO EM: 4/2026 | **ACEITO EM: 5/2026** | **PUBLICADO EM: 7/2026**

highlighted the need to continue promoting dialog and clarification, especially about the importance of communicating the desire to be a donor to the family.

Keywords: Tissue and organ procurement, Health education, Public awareness.

RESUMEN

Objetivo: relatar la experiencia de estudiantes de medicina de una institución privada del estado de Goiás, en una acción comunitaria que abordó la desmitificación del sistema de donación de órganos en Brasil para sensibilizar a la población. **Informe de la experiencia:** La actividad tuvo lugar en un centro comercial donde los estudiantes utilizaron carteles informativos y un muñeco interactivo de EVA con órganos extraíbles para atraer tanto a adultos como a niños. Aunque muchos adultos querían ser donantes, pocos habían comunicado esta decisión a sus familias, lo que ponía de manifiesto la falta de diálogo sobre el tema. La acción puso de relieve la importancia de la educación sanitaria para aumentar los conocimientos sobre el proceso de donación de órganos, contribuyendo a la formación de los futuros médicos al subrayar la necesidad de abordar temas delicados de forma accesible. **Consideraciones finales:** La acción educativa puso de relieve la importancia de la extensión universitaria en la sensibilización sobre la donación de órganos, utilizando enfoques interactivos y actividades lúdicas para implicar a distintos grupos de edad. La experiencia puso de manifiesto la necesidad de seguir promoviendo el diálogo y la clarificación, especialmente sobre la importancia de comunicar a la familia el deseo de ser donante.

Palabras clave: Obtención de tejidos y órganos, Educación sanitaria, Sensibilización pública.

INTRODUÇÃO

O transplante de órgãos consiste em um procedimento cirúrgico, no qual é feita a realocação de células, tecidos, órgãos ou partes funcionais do corpo de uma pessoa viva ou falecida (doador) em um portador de doenças graves agudas ou crônicas com insuficiências terminais por diferentes patologias, que seja compatível ao doador, sem que haja outra forma de tratamento conservador clínico ou cirúrgico, sendo que este método promoverá restabelecimento da função perdida e melhora da qualidade de vida do receptor, de acordo com a Lei nº 9.434/97 MS (BRASIL, 1997).

O processo de transplante é um ato voluntário que envolve uma sequência de fases que perpassam pela identificação do possível doador, diagnóstico, avaliação clínica e manutenção do potencial doador. Sendo assim, conclui-se que a doação de órgãos não é um processo simples, mas uma complexa cadeia de procedimentos que visam a segurança tanto do doador quanto do receptor (CONSELHO FEDERAL DE MEDICINA, 2017; ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE TRANSPLANTE DE ÓRGÃOS, 2022).

Apesar da segurança oferecida pela legislação no processo de doação de órgãos, estigmas persiste na sociedade brasileira. A reputação negativa tem como fundamentação a crença religiosa, a espera de um milagre, a não compreensão do diagnóstico de morte encefálica (ME) e crença de reversão do quadro, a não aceitação da manipulação do corpo, o medo da reação da família, a inadequação da informação e a ausência de confirmação de morte encefálica, a desconfiança na assistência e o comércio de órgãos, o desejo do paciente em vida de não ser um doador e o medo da perda do ente querido (SILVA VH et al., 2023; PESSOA JLE, et al., 2022; JONG e VAN DIJK, 2020).

A recusa familiar permanece como um dos principais obstáculos à efetivação da doação de órgãos, sendo fortemente influenciada por lacunas informacionais e fatores socioculturais. O desconhecimento sobre o diagnóstico de morte encefálica, frequentemente confundido com condições reversíveis, compromete a compreensão da irreversibilidade do quadro e sustenta expectativas de recuperação (SOUZA MLP et al., 2018; JONG e VAN DIJK, 2020).

A ausência de diálogo prévio entre familiares acerca do desejo de doar transfere a decisão para um momento de luto agudo, permeado por insegurança e sofrimento, favorecendo a negativa (MORAES EL e MASSAROLLO MCK, 2008; SILVA JRS et al., 2019). Além disso, crenças religiosas, valores culturais e

desconfianças institucionais reforçam barreiras à autorização (PESSOA JLE et al., 2022; SILVA VH et al., 2023).

Nesse cenário, a educação em saúde e as ações de extensão universitária mostram-se essenciais para desmistificar conceitos, qualificar o entendimento populacional e fomentar o diálogo familiar, ampliando a aceitação da doação (MORAIS TR et al., 2021; SANTOS MC e PEREIRA AP, 2021).

No ano de 2023, a Secretaria de Estado de Saúde de Goiás contabilizava 1864 receptores na lista de espera. No mesmo ano, foram notificadas 554 mortes encefálicas, das quais 345 eram elegíveis para doação, sendo que apenas 113 doações foram efetivadas, contabilizando o descarte de 212 órgãos por negativas em entrevistas familiares, e 232 por causas diversas, sendo as principais a realização de PCR antes da remoção, contraindicação clínica por idade, sorologia ou infecção, e diagnóstico de morte encefálica não confirmado (BRASIL, 2023).

Haja vista os dados coletados pelo Sistema Único de Saúde (SUS), utilizando os dados de Goiás como base, a Associação Brasileira de Transplante de Órgãos (ABTO) estabeleceu como meta para 2023 o aumento de 10% para a taxa de doadores efetivos a depender do aumento de 4% na taxa de notificação de potenciais doadores e do aumento de 5,6% na taxa de efetivação da doação. No ano de 2024, de acordo com dados fornecidos pelo Ministério da Saúde, houve um crescimento de 3,2% de doações de órgãos efetivadas com relação à 2023, sendo considerado um número recorde pelo SUS (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE TRANSPLANTE DE ÓRGÃOS, 2024).

A doação de órgãos é um tema de grande relevância para a saúde pública, sendo um gesto altruísta que salva vidas e oferece novas oportunidades para pacientes em situações críticas (ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE, 2022).

Nesse sentido, destaca-se a importância do conhecimento médio a respeito do sistema de doação de órgãos devido às determinações do Conselho Federal de medicina, pela resolução 2173/2017, que ditam a possibilidade de diagnóstico de ME por qualquer médico capacitado, mesmo não especialistas, sendo que o responsável pela determinação de ME deverá ter pelo menos um ano de experiência em atendimento de pacientes em coma e que tenham acompanhado pelo menos 10 (dez) determinações de ME ou esse mesmo tempo de experiência em pacientes comatosos e tenha feito o curso de capacitação ofertado por uma instituição regulamentada. Ademais, o CFM define que o responsável pelo diagnóstico de ME não poderá participar da remoção dos órgãos. No entanto, devido ao pouco conhecimento populacional a respeito do processo de doação de órgãos, o sistema de saúde ainda enfrenta barreiras que dificultam a ampliação das taxas de doação (SOUZA MLP, et al., 2018).

Além disso, intervenções educativas estruturadas, associadas à comunicação humanizada e capacitação das equipes de saúde, demonstram impacto direto na aceitação da doação. O conhecimento populacional prévio sobre o tema correlaciona-se positivamente com a intenção de doar e com a autorização familiar, evidenciando que políticas contínuas de informação são determinantes para ampliar a efetivação das doações (RODRIGUES FILHO EM, et al., 2020; MORAIS TR, et al., 2021; SILVA JRS, et al., 2019).

Portanto, destaca-se a importância de haver um esforço contínuo em projetos de conscientização populacionais a respeito da importância da doação, para que dessa forma mais pessoas se tornem doadoras e contribuam para a redução das alarmantes estatísticas oferecidas pelo Ministério da Saúde. Desta forma, este trabalho teve por objetivo relatar a experiência dos acadêmicos de medicina, pertencentes a uma instituição privada do estado de Goiás, sobre uma ação comunitária que abordava a desmistificação do sistema de doação de órgãos no Brasil a fim de promover a conscientização da população em geral.

RELATO DE EXPERIÊNCIA

Inicialmente, todos os membros da equipe realizaram o curso autoinstrucional gratuito de Qualificação dos Profissionais de Saúde para o Processo de Doação de Órgãos e Tecidos, disponibilizado pela Superintendência da Escola de Saúde de Goiás (SESG) na plataforma Educa Saúde, com duração de 80 horas. O curso preparou os autores para abordar o tema de forma clara e informativa durante a ação, que foi

realizada por 12 estudantes no *stand* da UniEVANGÉLICA, no Brasil Park Shopping, em Anápolis - GO, no dia 20 de outubro de 2024, das 8 horas às 22 horas.

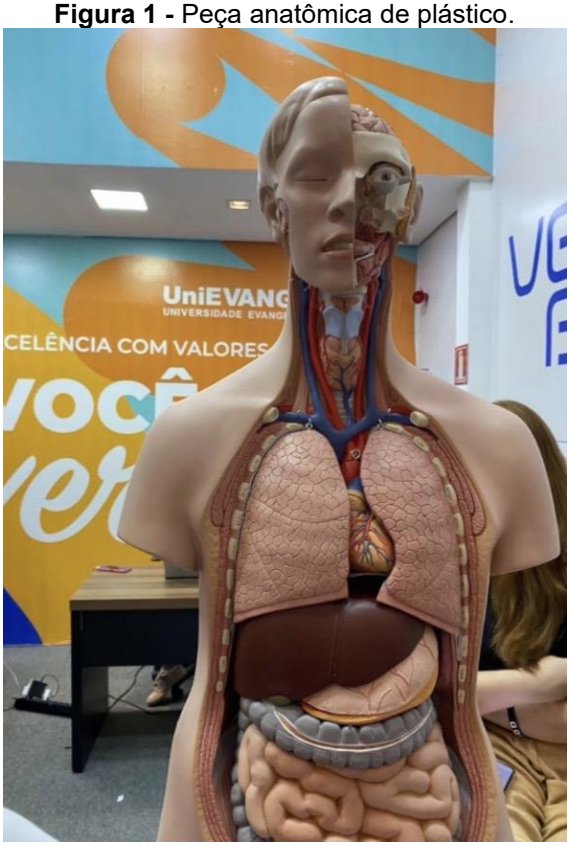
Em seguidas, parte dos membros da equipe ficou responsável por confeccionar o boneco interativo que seria utilizado na dinâmica com as crianças, enquanto a outra parte ficou responsável por comprar os pirulitos que seriam distribuídos após a dinâmica.

O boneco utilizado foi confeccionado com Tecido Não Tecido (TNT) para a base, velcro para a colagem do boneco aos órgãos e Etileno Vinil Acetato (EVA) para o boneco, as letras e os órgão que foram desenhados com o auxílio de moldes pré-impressos. Dentre os órgãos utilizados na peça anatômicaestão inclusos os olhos, os pulmões e o fígado (tanto inteiros quanto em lobos), o coração, o ossos, a medula óssea, os intestinos, os rins e o pâncreas.

Na ação, o público-alvo era parcela da população de Anápolis, em todas as faixas etárias. Para os jovens e adultos, os autores iniciaram as conversas perguntando se a pessoa era doadora de órgãos, se já havia comunicado à família sobre o desejo de doar ou não e se sabiam quais órgãos poderiam ser doados.

Em seguida, foram apresentadas peças anatômicas de plástico, acompanhadas de explicações sobre o funcionamento da doação, os tipos de órgãos que podem ser doados, o processo de ser um doador e a importância de expressar essa decisão à família (**Figura 1**).

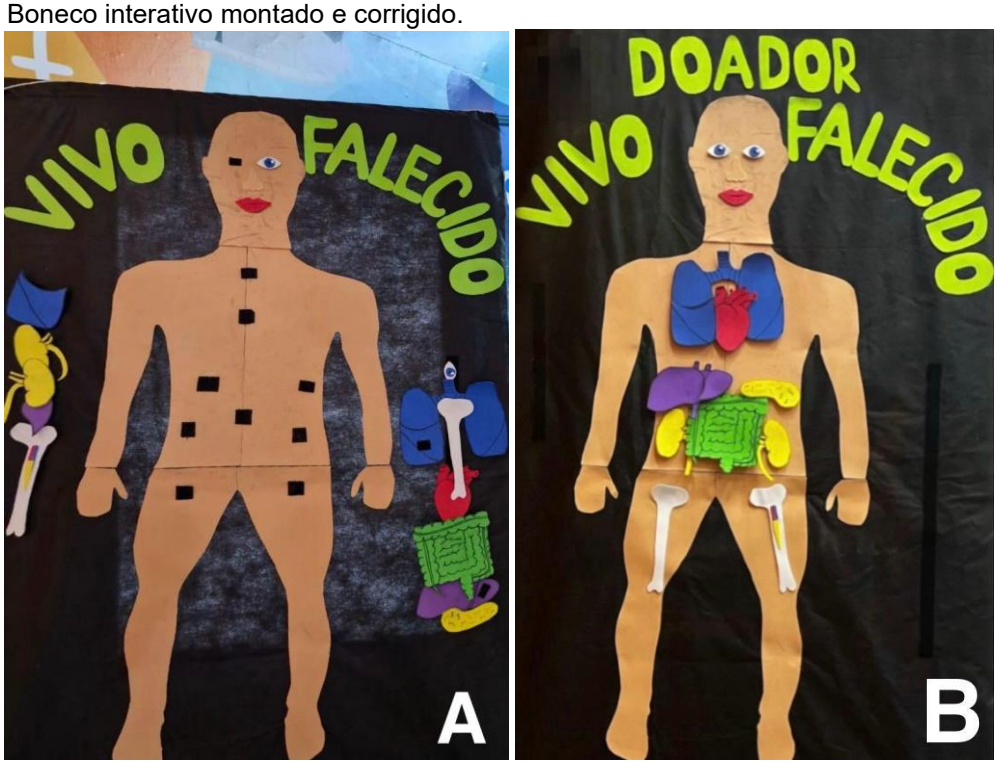
Figura 1 - Peça anatômica de plástico.



Fonte: Ramos HFC, et al., 2026.

Quanto ao contato com o público infantil, a dinâmica foi realizada utilizando majoritariamente o boneco interativo (**Figura 2**) e foi dividida em duas parte: primeiramente as crianças deveriam identificar no boneco interativo quais órgãos poderiam ser doados por doadores vivos ou apenas por doadores falecidos **(Figura 2A**), posteriormente, a equipe explicava quais eram as respostas corretas (**Figura 2B**). Àqueles que se mostravam mais interessados em ver e enteder de forma realista como são os órgãos doados, foi feita a apresentação na peça anatômica de plástico (**Figura 1**).

Figura 2 - (A) Boneco interativo preparado para a interação com crianças. (B) Boneco interativo montado e corrigido.



Fonte: Ramos HFC, et al., 2026.

Esta atividade lúdica proporcionou um aprendizado divertido e informativo, especialmente sobre quais órgãos podem ser doados em vida, como parte do fígado e da medula óssea. Ademais, a atividade também revelou o interesse das crianças no processo de doação, sobretudo no que diz respeito aos motivos pelos quais alguns dos órgãos podem er doados *in vivo* enquanto outros só poderiam ser doados *pos mortem*. Por meio da dinâmica foi possível observar que a maioria das crianças acertou os órgãos que poderiam ser doados em vida e após a morte, sendo que os erros mais comuns foram em relação à córnea e à medula óssea.

Ao longo da atividade com os adultos, foi possível delinear as principais dúvidas e estereótipos criados ao longo dos anos. Dentre elas, o que mais se destacou foi o estigma a respeito da coleta indevida de órgãos, haja vista a visibilidade errônea causada por casos documentos e televisionados como o de Paulo Veronesi Pavesi de 10 anos, cujo diagnóstico de ME foi forjado em prol da coleta ilegal de órgãos (CÂMARA DOS DEPUTADOS, 2024). No que tange às dúvidas, muitos questionaram a respeito da necessidade de documentar o desejo ou não de serem doadores e até onde prevalece a vontade do responsável legal por autorizar ou não a coleta de órgãos.

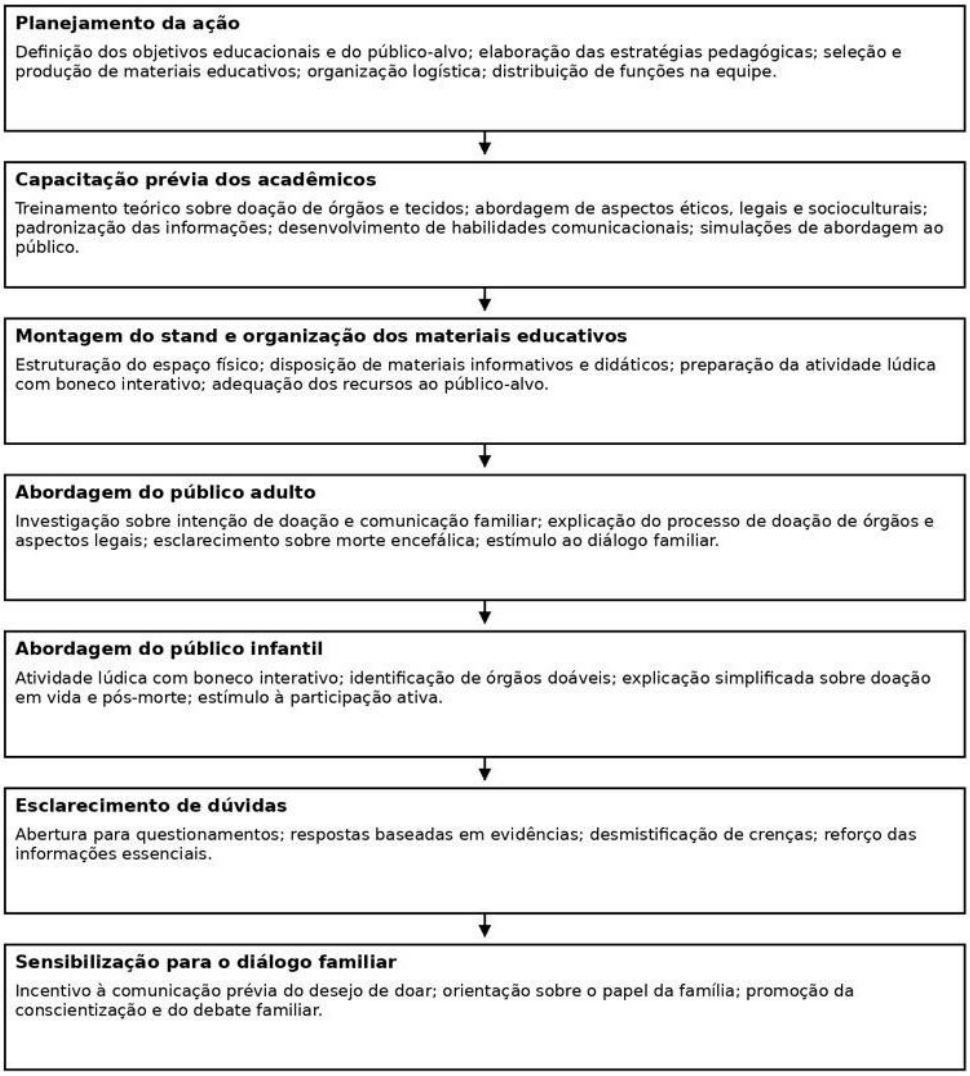
Nesse sentido, foi possível comprrender que muitos adultos expressam o desejo de serem doadores, mas a maioria ainda não havia comunicado essa decisão à família, revelando um desconhecimento sobre a importância desse diálogo. Além disso, muitos participantes se mostraram alheios à diversidade de órgãos que podem ser doados, como o intestino e o pâncreas, elucidando, portanto, a desinformação generalizada no que diz respeito à extensão de vidas que podem ser salvas por meio da doação de órgãos.

A experiência foi extremamente positiva para os acadêmicos, não apenas por proporcionar a oportunidade de compartilhar informações sobre o tema com a população, mas também por evidenciar o quanto ainda há a ser esclarecido sobre a doação de órgãos. A interação direta com o público trouxe uma nova perspectiva para os estudantes, destacando a importância de abordar esse tema sensível de maneira acessível e clara, tanto para adultos quanto para crianças. Quanto aos adultos, evidencia-se a necessidade de combater aos estigmas criados ao longo de várias gerações. Já quanto às crianças, observou-se a necessidade da abordagem precoce, tanto para combater aos estigmas advindos dos pais, quanto para gerar no imaginário infantil os benefícios sociais que eles podem gerar no futuro com suas decisões.

Além disso, a atividade reforçou a necessidade de conscientizar os futuros pacientes sobre a importância de expressar o desejo de ser doador para seus familiares. A vivência prática na elaboração de dinâmicas, como a do boneco interativo, e a troca de conhecimentos com a população contribuíram significativamente para a formação dos acadêmicos, ampliando sua compreensão sobre o impacto social de sua atuação na área da saúde.

Portanto, a ação seguiu conforme o fluxograma da **Figura 3**, possiblitanto a organização e a profissionalidade da ação, uma vez que a capacitação dos autores foi essencial para o melhor conhecimento e orientação dos participantes. Ademais, a organização e a divisão de tarefas foi de grande auxílio no que tange às percepções dos autores a respeito dos diferentes públicos, uma vez que todos os autores lidaram tanto com crianças, quanto com adultos.

Figura 3 - Fluxograma da ação de educação em saúde sobre doação de órgãos.



Fonte: Ramos HFC, et al., 2026.

DISCUSSÃO

A doação de órgãos é amplamente reconhecida como uma prática essencial para a restauração da saúde e melhoria da qualidade de vida dos receptores. Esse processo não só proporciona uma segunda chance de vida aos pacientes que aguardam em filas de transplante, mas também alivia a sobrecarga dos sistemas de saúde e promove benefícios sociais de grande alcance. O protocolo brasileiro para doação de órgãos, considerado um dos mais rigorosos globalmente, busca garantir que o processo seja realizado com a máxima

transparência e ética, em conformidade com as diretrizes legais e com o apoio das Comissões Intra-Hospitalares de Doação de Órgãos e Tecidos para Transplantes (CIHDOTT) (BRASIL, 1997; BRASIL, 2023; ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE TRANSPLANTE DE ÓRGÃOS, 2022).

Apesar de sua importância, a decisão sobre a doação de órgãos ainda enfrenta desafios significativos, especialmente devido à autorização familiar exigida pela legislação brasileira. Atualmente, cerca de 50% das famílias não autorizam a doação, um dado preocupante que reforça a necessidade de estratégias mais eficazes para aumentar a conscientização pública e estimular a discussão sobre o tema (SILVA VH, et al., 2023).

A resistência das famílias em consentir com a doação está associada a uma combinação de fatores, incluindo a falta de discussão prévia sobre o assunto, níveis de escolaridade e influências religiosas, além da incerteza quanto à vontade do falecido (PESSOA JLE, et al., 2022; JONG JD e VAN DIJK, 2020). Esses elementos geram um contexto de hesitação que pode ser intensificado pela esperança de uma recuperação milagrosa, conforme apontado por Silva Y (2021), e pela desconfiança em relação ao diagnóstico de morte encefálica. O temor de que a remoção dos órgãos cause alterações significativas no corpo do doador também se apresenta como um obstáculo, especialmente em contextos culturais onde a integridade física é valorizada (SILVA VH, et al., 2023).

A importância da doação de órgãos vai além da perspectiva individual; é um componente vital para a sustentabilidade dos programas de transplante e para a melhoria geral dos sistemas de saúde. A abordagem da equipe médica precisa ser atenta e sensível, exigindo dos profissionais habilidades como empatia, escuta ativa e compreensão das necessidades emocionais dos familiares. É fundamental que a equipe multidisciplinar esteja bem preparada para fornecer informações claras e apoio desde o início do acolhimento até a conclusão do processo, independentemente do desfecho (SILVA Y, 2021; MENDES KDS, et al., 2017). Segundo Silva Y (2021), a atuação eficaz do Serviço Social durante o processo de captação é essencial para garantir que as famílias se sintam seguras e amparadas, permitindo uma tomada de decisão mais consciente.

A inserção de estudos que abordem projetos educacionais e de conscientização comunitária pode ser uma estratégia eficaz para melhorar os índices de autorização familiar. Intervenções que fomentem o diálogo prévio sobre a importância da doação de órgãos podem desmistificar temores e crenças equivocadas, promovendo uma compreensão mais ampla e racional do processo (MORAIS TR, et al., 2021; SANTOS MC e PEREIRA AP, 2021). De acordo com Silva VH, et al. (2023) reforçam que campanhas informativas e a capacitação de profissionais de saúde podem ser determinantes para transformar o panorama atual da doação de órgãos no Brasil.

A ação educativa realizada demonstrou a importância da extensão universitária como ferramenta de conscientização sobre a doação de órgãos. A abordagem interativa, adaptada para diferentes faixas etárias, foi eficaz tanto para sensibilizar a população quanto para fornecer informações claras e precisas sobre o processo de doação. O uso de atividades lúdicas, como o boneco interativo, permitiu um maior engajamento, especialmente das crianças, que participaram ativamente da dinâmica.

No entanto, foi observado que o desconhecimento sobre a necessidade de comunicar à família o desejo de ser doador ainda é um obstáculo para a adesão ao processo. A experiência contribuiu para a formação dos autores, destacando a relevância da educação em saúde na mudança de percepções e atitudes relacionadas à doação de órgãos, e ressaltando a necessidade contínua de iniciativas que promovam o diálogo e o esclarecimento sobre esse tema crucial.

A análise da experiência evidencia que a ausência de comunicação prévia com a família sobre o desejo de doar não deve ser interpretada exclusivamente como desinteresse, mas como reflexo de medo, desconhecimento e da presença de tabus sociais que dificultam a abordagem do tema no cotidiano. Observou-se que muitos participantes evitavam discutir a doação por associarem o assunto à morte, revelando barreiras emocionais e culturais que interferem diretamente na tomada de decisão familiar. Nesse contexto, a realização da ação em um espaço público e não hospitalar, como o shopping center, mostrou-se estratégica ao possibilitar uma abordagem mais leve, acessível e desmedicalizada, favorecendo o

engajamento de diferentes perfis populacionais. Esse ambiente contribuiu para a redução de resistências iniciais, permitindo maior abertura ao diálogo e à construção de conhecimento. Assim, a experiência reforça que intervenções educativas fora do ambiente hospitalar ampliam o alcance das ações de saúde e favorecem a naturalização de discussões sensíveis, como a doação de órgãos.

REFERÊNCIAS

1. ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE TRANSPLANTE DE ÓRGÃOS. Registro Brasileiro de Transplantes. 2024. Disponível em: https://www.abto.org.br. Acesso em: 20 fev. 2026.
2. ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE TRANSPLANTE DE ÓRGÃOS. Relatório Anual de Transplantes. 2022. Disponível em: https://www.abto.org.br. Acesso em: 21 out. 2024.
3. BRASIL. Lei n. 9.434, de 4 de fevereiro de 1997. Dispõe sobre a remoção de órgãos, tecidos e partes do corpo humano para fins de transplante. Disponível em: https://www2.camara.leg.br. Acesso em: 21 out. 2024.
4. BRASIL. Ministério da Saúde. Sistema Nacional de Transplantes: dados consolidados. 2023. Disponível em: https://www.gov.br/saude. Acesso em: 20 fev. 2026.
5. CÂMARA DOS DEPUTADOS. Entenda o caso Paulinho. Brasília, DF: Câmara dos Deputados, 13 set. 2024. Disponível em https://www.camara.leg.br/noticias/53704-entenda-o-caso-paulinho/. Acesso em: 29 abr. 2026.
6. COLLINS TJ. Public attitudes toward organ donation and transplantation. Journal of Public Health Policy, 2021; 42(3): 456-468.
7. CONSELHO FEDERAL DE MEDICINA. Resolução n. 2173, de 23 de novembro de 2017. Define os critérios do diagnóstico de morte encefálica. Disponível em: https://portal.cfm.org.br. Acesso em: 21 out. 2024.
8. FONTENELE RM, et al. Doar ou não doar: significados da negação familiar para a doação de órgãos e tecidos. Revista de Enfermagem da UFPI, 2023.
9. GIUDICE J, et al. Entre(laçar) para governar: estratégias biopolíticas em campanhas publicitárias para doação de órgãos e tecidos. Texto & Contexto – Enfermagem, 2022; 31.
10. JONG JD, VAN DIJK G. Family refusal to organ donation: The impact of knowledge and attitudes. Transplantation Proceedings, 2020; 52(6): 1607-1611.
11. MENDES KDS, et al. Processo de captação de órgãos e desafios logísticos no sistema brasileiro de transplantes. Ciência & Saúde Coletiva, 2017; 22(8): 2625-2634.
12. MORAES EL, MASSAROLLO MCK. Negación de donación de órganos y tejidos para trasplante relatados por familiares de potenciales donadores. Acta Paulista de Enfermagem, 2009.
13. MORAES EL, MASSAROLLO MCK. Recusa familiar para doação de órgãos e tecidos para transplante. Acta Paulista de Enfermagem 2008.
14. MORAIS TR, et al. Estratégias educativas e impacto na decisão familiar para doação de órgãos. Revista de Enfermagem Atual, 2021; 95: e021132.
15. ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. Global Observatory on Donation and Transplantation: International report. 2022. Disponível em: https://www.transplant-observatory.org. Acesso em: 20 fev. 2026.
16. ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE. Estratégia e plano de ação sobre doação e acesso equitativo a transplantes de órgãos, tecidos e células 2019-2030. 2019. Disponível em: https://www.paho.org. Acesso em: 20 fev. 2026.
17. PESSOA JLE, et al. Barreiras culturais e religiosas na doação de órgãos: revisão integrativa. Revista de Saúde Pública, 2022; 56: 87.
18. RODRIGUES FILHO EM, et al. Determinantes sociais da decisão de doar órgãos no contexto hospitalar brasileiro. Saúde em Debate, 2020; 44(126): 1043-1055.
19. SANTOS MC, PEREIRA AP. Educação em saúde para a conscientização sobre doação de órgãos: uma análise crítica. Revista Brasileira de Educação Médica, 2021; 45(4): e123.
20. SECRETARIA DE ESTADO DA SAÚDE DE GOIÁS. Plataforma Educa Saúde: programas de capacitação em doação e transplantes. Disponível em: https://educa.saude.go.gov.br. Acesso em: 21 out. 2024.
21. SILVA JRS, et al. Fatores associados à recusa familiar na doação de órgãos no Brasil. Revista Bioética, 2019; 27(3): 470-479.
22. SILVA VH, et al. Os principais fatores de recusa de doação de órgãos e tecidos no âmbito familiar: revisão de literatura. Brazilian Journal of Implantology and Health Sciences, 2023; 5(5): 1223-1243.
23. SILVA Y. Doe órgãos, salve vidas: atuação do Serviço Social no processo de captação de órgãos e tecidos para transplantes. Biblioteca Virtual em Saúde, 2021.
24. SOUZA MLP, et al. Conhecimento populacional sobre morte encefálica e doação de órgãos. Revista Brasileira de Terapia Intensiva, 2018; 30(3): 312-319.